

RELATO DE EXPERIÊNCIA

DOI: <http://dx.doi.org/10.18310/2446-4813.2017v3n4p438-450>

MOVIMENTO “DE SAIA OU SAIA” - RELATO DE EXPERIÊNCIA

MOVEMENT "REMOVE YOUR SKIRT OR LEAVE" - EXPERIENCE REPORT

EDUARDO JORGE SANT ANA HONORATO

Psicólogo, Doutor em Saúde da Mulher e da Criança, com ênfase em Sexualidade e Gênero, pela Fiocruz (IFF-RJ). Pós-graduado em Saúde da Família (UFSC) e Docência Superior (UGF) E-

E-mail: eduhonorato@hotmail.com

TIRZA DE ALMEIDA DA SILVA

Possui graduação em Psicologia pela Faculdade Martha Falcão (2012). É Especialista em Psicologia SócioJurídica e Criminologia pela Faculdade Martha Falcão e cursa Especialização em Psicologia da Saúde (UEA). Atualmente é mestranda na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Psicologia na linha de processos de saúde.

E-mail: tirza_almeida@hotmail.com

MÁRCIA CRISTINA HENRIQUES LEVI

Aluna do Curso de Psicologia da Faculdade Marta Falcão – DEVRVY; Pós-graduanda no Curso de Sexualidade, Gênero e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Amazonas. Graduada em Direito – UNINILTONLINS; Mestre em Direito Ambiental – Universidade do Estado do Amazonas,

E-mail: marcia_levi@yahoo.com.br

LARISSA GABRIELA LINS NEVES

Psicóloga graduada na Universidade Federal do Amazonas. Mestre em Processos Psicológicos da Saúde na Universidade Federal do Amazonas. Pós-Graduanda em Sexualidade,

Gênero e Direitos Humanos na Universidade do Estado do Amazonas. Psicóloga Fiscal do Conselho Regional de Psicologia 20ª Região.

E-mail: lari.lins.neves@gmail.com

FELIPE GONZAGA DE CARVALHO GONDIM

Acadêmico do curso de Psicologia, do 8º período, na Universidade Federal do Amazonas. Servidor público federal da Universidade Federal do Amazonas, lotado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, como assistente em administração

E-mail: felipegcondim@gmail.com

SONIA MARIA LEMOS

Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo (1986), Especialização em Saúde Coletiva pela Universidade de Cruz Alta (1999), Especialização em Psicologia Clínica pelo Conselho Federal de Psicologia (2002) e mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2009).

E-mail: sonleamos@hotmail.com

DARLISOM SOUSA FERREIRA

Enfermeiro. Doutorando em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará - UEPA e Especialista em Unidade de Terapia Intensiva Adulto pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

E-mail: darlisom@terra.com.br

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência, intitulado “De saia, ou saia”, cujo objetivo foi protestar contra as práticas de cerceamento e proibição do uso de saias nas dependências de uma Escola de Saúde de Universidade Pública em Manaus, Amazonas. O movimento se deu no próprio prédio da instituição, expandindo-se para uma manifestação pacífica dentro de um shopping da zona centro sul de Manaus. O resultado obtido após o movimento, além da ampla discussão sobre a institucionalização dos corpos, dos costumes postos e da noção de adequação das vestimentas dentro de uma instituição de ensino, foi a publicação de Portaria Institucional interna, que revogou as proibições anteriormente praticadas e a permissão, bem como o livre arbítrio quanto ao uso vestimentas dentro da instituição de ensino.

PALAVRA-CHAVE: Movimento; Ativismo; Mudança.

ABSTRACT

This is an experience report, titled "Remove your Skirt or leave", whose objective was to protest against the practices of curtailment and prohibition of the use of skirts on the premises of a School of Health in a Public University in Manaus, Amazon. The movement took place in the institution's own building, expanding to a peaceful demonstration inside a mall in the south central area of Manaus. The result obtained after the movement, besides the wide discussion about the institutionalization of bodies, customs and the notion of suitability of clothing within an educational institution, was the publication of Internal Institutional Ordinance, which revoked The prohibitions previously practiced and the permission, as well as the free will regarding the use of clothing within the xxx.

KEY WORD: Motion; Activism; Change.

INTRODUÇÃO

A Pós-graduação em Sexualidade, Gênero e Direitos Humanos - PPGSGDH, promovida pela Universidade, desde sua concepção, vem sendo, naturalmente, um manifesto de luta e resistência dentro da universidade (e da própria sociedade amazonense) e, sua criação pode ser vista como um marco de significativo avanço no estado, visto que o curso foi elaborado visando habilitar os profissionais das mais diversas áreas de atuação, nos processos que envolvam questões de gênero, focando sempre nas intervenções que possam diminuir as diversas formas de violência e violações de direitos tão constantes.

Diante desse contexto natural de existência do curso, em consonância com a proposta de discussão da disciplina Ativismo, Sexualidade e HIV, coordenada pela Professora Tirza Almeida da Silva, por uma infeliz coincidência factual, em decorrência de uma violação do direito de ir e vir de uma das alunas do referido curso, nas próprias dependências da universidade (in)justificada formalmente por suas vestimentas, foi feito um movimento intitulado “De saia ou saia”.

A atividade foi motivada por um acontecimento vivenciado no primeiro dia de aula da disciplina, quando uma aluna foi constrangida na entrada da instituição por estar trajando uma saia na

altura dos joelhos. Segundo o funcionário da vigilância que a impedia de entrar, ele estava simplesmente cumprindo normas da universidade relativas a exigências de vestimentas de segurança de laboratório, sobre as quais fora instruído. No entanto, nem todos os alunos atuam em laboratórios, como, por exemplo, os da referida especialização. Para completar as incoerências, haviam outras alunas também trajando saia e que circulavam livremente nas dependências da instituição. Desta forma, foi percebido que além de haver uma norma sem justificativas plausíveis estabelecida pela instituição, ainda ocorriam seleções e sobreposições de direitos.

Toda a turma da especialização sensibilizou-se com o acontecimento e, ficou combinado que no dia seguinte todas as mulheres iriam vestidas de saia em diversos comprimentos e que seriam levadas saias para os homens, como forma de protesto. Sendo assim, o objetivo desta ação foi impactar a comunidade universitária através da garantia forçosa dos direitos de ir e vir dentro do ambiente institucional mediante a “transgressão” de uma regra sem fundamentos lógicos, com características sexistas.

Ressalte-se que tal atividade reativa e reflexiva, estimulada pela docente em questão, baseou-se na premissa de que embora a igualdade jurídica entre os gêneros tenha sido bradada

pelo texto constitucional de 1988, ainda hoje, são negados uma série de direitos em função do gênero, sexualidade, da aparência e do ônus social do/de ser feminino.

Ficou nítido que os temas trabalhados justamente na aula teórica em que ocorreu o fato com a colega motivaram e embasaram a turma a agir dentro de um ativismo moldado de forma pacífica, porém notório e causador de polêmicas, o que foi realmente a intenção. Os temas trabalhados em sala de aula propiciaram uma noção do histórico dos movimentos LGBT e anti-aids, bem como das nuances, semelhanças e diferenças entre militância e ativismo.

Assim, tal problematização foi proposta para que os discentes pudessem perceber e avaliar a clara demonstração de opressão constante do feminino na sociedade que é aviltado constantemente em função de suas roupas, aspecto ou comportamento. Não bastando, para que pudessem experienciar o que, de fato, é o Ativismo e como tal movimentação pode denunciar e modificar o tratamento errôneo, ilegal e desigual de diversos construtos sociais. A experiência, que foi desenvolvida com visibilidade pública, é relatada aqui como registro da aprendizagem desenvolvida.

OBJETIVO

- Protestar contra a proibição do uso de saias nas dependências Escola Superior de Ciências da Saúde/ESA da Universidade Estadual do Amazonas - UEA.

METODOLOGIA

No decorrer da disciplina, foram debatidos diversos temas relacionados ao ativismo social e sua importância para a desconstrução dos valores postos e para a consequente construção de uma sociedade mais empática e humanista, tendo como fator agregador para a percepção da dimensão da disciplina proposta e dos textos apresentados, a realização do Movimento “De saia ou saia”, que se organizou de acordo com a cronologia abaixo:

Dia 07/04 - Aluna foi impedida, por um segurança da instituição, de adentrar no prédio por estar usando saia. Proibição feita, de acordo com o argumento do mesmo, em decorrência das normas de Biosegurança da instituição, relativas ao uso de vestimentas padronais dentro das salas e dos laboratórios. Na mesma ocasião os alunos (colegas de curso) se reuniram e exigiram a entrada da aluna, tendo obtido êxito na empreitada.

Ainda no dia, durante a discussão da temática de ativismo, os alunos decidiram que no dia seguinte fariam uma manifestação pacífica de

“afrenta” à interpretação institucional da referida norma e combinaram que todos (inclusive os nascidos sob o sexo masculino) iriam para a aula trajando saias.

Dia 08/04 – Deu-se a concretização do planejado e foi feito o movimento “De saia ou saia”, tendo tido adesão de quase todos os discentes (aproximadamente 90%) da turma, entre os nascidos sob o sexo masculino e feminino.

Durante a manhã de aula do dia 08, transcorreram diversas discussões de cunho teórico bem como a reflexão dos textos propostos pela docente sobre ativismo, movimentos sociais, sexualidade e HIV, entre outros assuntos que suscitaram inúmeras falas críticas e significativas na sala de aula.

Após a aula da manhã, os alunos, visando ampliar o alcance do movimento foram “desfilear” de saias em um shopping localizado na zona centro-sul da cidade de Manaus;

As discussões continuaram pelo período da tarde e foram abrilhantadas por rodas de conversas com a participação de convidados de outras instituições.

Esse relato de experiência tematiza um fato de domínio público, relacionado a um problema visível e grave no nosso cotidiano, que é a violência e a discriminação relacionada ao gênero, e foi feito no contexto de

aprendizagem em uma atividade formativa. As informações relativas aos participantes e às instituições foram suprimidas, mantendo anonimato, e, portanto, esse artigo se insere nas condições previstas pela Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, relativamente às pesquisas em ciências sociais e humanas em saúde.

MARCO TEÓRICO

Ao longo dos tempos, no Brasil e no mundo, observa-se o surgimento de diversos movimentos sociais cujos objetivos são, de forma pacífica, apresentar problemas e reivindicar soluções, sendo estas, contrapontos manifestos de insatisfações diante de determinadas situações e medidas impostas, geralmente pelo poder público ou até mesmo, diante da insatisfação do não agir (mutismo) individual e coletivo.

A título exemplificativo no Brasil, existem movimentos de grande destaque como Movimento Sem Terra – MST e Movimentos Sindicais entre outros, que a despeito de qualquer intercorrência contrária que venha a ocorrer geradoras de atos de violência, são de ideologia pacífica.

No caso específico do movimento aqui relatado “De saia ou saia” tratou-se de uma manifestação absolutamente pacífica, muito bem-humorada e sem nenhuma intenção de

agressão ou imposição transgressora por parte dos discentes, mas que findou plenamente eficaz para a finalidade a qual foi planejada, qual seja, protestar contra a “proibição” de uso de saia dentro da instituição. O protesto, nesse caso, foi constituído como atividade de aprendizagem no curso de especialização que, justamente, tratava das questões relativas à discriminação envolvendo o gênero e a sexualidade.

Atitudes reivindicatórias buscam por garantias de direitos ignorados e/ou esquecidos, em situações nas quais uma determinada hegemonia social se sobrepõe e inviabiliza aquilo que deveria ser natural e equitativo. É por isso que os movimentos de ativismo e militância precisaram ser desenvolvidos para que o grito por justiça ecoasse em meio ao silêncio, à negligência. Neste sentido, é importante notar como um movimento de um grupo social incentiva outros. Na história dos movimentos sociais, os movimentos feministas inspiraram as ações da população LGBT que, por sua vez, serviram de base para as práticas do ativismo anti-AIDS.

Essas influências¹ podem ser percebidas até mesmo na utilização de termos, tais como a palavra “gênero”, que se iniciou a partir dos movimentos feministas. Após isto, fruto de uma sequência, surgiram os estudos masculinos, tendo a masculinidade como espaço simbólico,

que modela atitudes, comportamentos e emoções. Vindo desta mesma fonte, sobressaem-se outras questões como homem X bicha, atividade X passividade e dominação X submissão. É neste sentido que é importante perceber como a movimentação prática também movimenta e constrói as teorias.

As formas de movimentação também refletem características peculiares. É neste contexto que alguns autores² indicam comparações relevantes do que vem a ser ativismo e militância. Assim, é exposto que enquanto a militância é a manifestação coletiva de comportamentos dirigidos a uma determinada causa visando a mudanças sociais e participação cidadã, o ativismo é a manifestação individual de um comportamento dirigido à causa visando à mudança pessoal e também coletiva. Complementando, também foi observado que a militância traz em sua bagagem um comportamento mais incisivo e, em alguns casos, mais violento que o ativismo. É importante ressaltar que a atuação com violência nem sempre invalida e desmerece a militância, pois há situações e causas que um ativismo pacífico não é o suficiente para representar o clamor e urgência de sanar um sofrimento que pode estar se alastrando há séculos.

É neste bojo de movimentação social que ocorre o rompimento de uma lógica de

comando de cima para baixo³, construindo relações democráticas de estruturação do poder cada vez mais ágeis, com um número maior de participantes e ações frequentes e organizadas. Não se trata aqui de indicar que a sociedade atualmente se encontra dentro destes parâmetros, mas demonstra que dentro dos movimentos sociais ocorre uma dinâmica de funcionamento que se esforça para aproximar-se ao máximo deste patamar de convivência, tendo como função expandir este fluxo à vida política fora do movimento, proporcionando democracias plenas.

O uso de saia e suas curiosas e (in)devidas proibições, vem sendo objeto de polêmica a algum tempo, na sociedade hodierna, a exemplo do que aconteceu em uma escola federal no Rio de Janeiro. Em matéria publicada no Jornal “O Estado de S.Paulo” no dia 26 de setembro de 2016 assinada por Clarissa Thomé⁴:

Apoiados por movimentos como Endireita Rio e Brava Gente, pais de alunos do Colégio Federal Pedro II, em São Cristóvão, na zona Norte do Rio, marcaram (..) uma manifestação contra a decisão da reitoria de acabar com a distinção de uniformes para alunos e alunas. Eles querem que o reitor suspenda a liberação do uso de saia por alunos (s/n).

Entre os contrários a liberação da vestimenta nas dependências de nossa instituição, os

argumentos variavam essencialmente sobre aquilo que os incautos e ignorantes denominam de propagação de ideologia de gênero, da escola sem partido e a não necessidade de críticas e debates de temas tais como machismo, estado laico e cultura de estupro.

Ainda na matéria, a autora⁴ destacou as palavras do chefe de Supervisão e Orientação Pedagógica do Colégio Pedro II, à época, Carlos Alexandre Duarte:

O fim da distinção de gênero na especificação do uniforme não significa que o colégio esteja incentivando estudantes do sexo masculino a virem de saia. É fruto de uma discussão ampla que ocorreu na comunidade escolar ao longo de mais de dois anos e que teve a participação dos estudantes. O Pedro II não está negando as diferenças entre homens e mulheres. Na verdade, a medida visa à inclusão de uma parcela de nossos estudantes que são transgêneros. Não cabe à escola definir a identidade de seus estudante (s/n).

Merece realce ainda, as palavras de Duarte ao afirmar que a escola estuda temáticas relativas à cultura, aos esportes, à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e à prevenção de drogas. *"Por que as temáticas LGBT e feministas deveriam ser proibidas? A única apologia que a escola faz é ao respeito e à dignidade para todos os seres humanos"*.

De fato, no que se refere especialmente a questões que envolvem a temática do feminismo e LGBTI, lutas por direito tem sido uma constante no Brasil e no mundo, lutas e manifestações estas feitas de diversas formas, como as que acontecem através de eventos festivos e ideológicos qual é o caso da “Parada Gay” e das “Marchas das Vadias”, movimentos pacíficos que fazem parte do calendário em diversas capitais do país e que reúnem milhares de pessoas em defesa de direito e a busca de visibilidade, alteridade e respeito.

Moscovici³ defende que, apesar do domínio de um grupo sobre o outro, o grupo dominado, mesmo marginalizado, pode influenciar o grupo dominante, por meio de uma ação coletiva e organizada que envolva a difusão de novas ideias e concepções de mundos a partir do conhecimento de sua realidade diferenciada daquela da maioria.

E foi exatamente isso que aconteceu durante a manifestação dos discentes do Curso de xxxs da Universidade xxxx pois mesmo que muitas ações e movimentos sociais pareçam simplistas ou até mesmo em vão, a mínima manifestação, ainda que não cause mudanças imediatas, age, coletivamente, como uma provocação expressa, um chamado à atenção de que “nós existimos” e precisamos ser “pelo menos” visto em muitos casos, sendo este, o primeiro passo para futuras mudanças.

Avritzer⁵ afirma que

[...] os movimentos sociais constituem aquela parte da realidade social na qual as relações sociais ainda não estão cristalizadas em estruturas sociais, onde a ação é a portadora imediata da tessitura relacional da sociedade e do seu sentido (p.189-190).

Eles não constituem um simples objeto social e sim uma lente por intermédio da qual problemas mais gerais podem ser abordados.

Neste diapasão, o movimento protagonizado pelos alunos da pós-graduação, de fato, percebeu e enfrentou toda a gama de problemas bio-psico-economico-sociais pelo ser fêmea, ser mulher e ser feminina(o) na sociedade posta, quer seja por toda construção sócio-histórica perpetrada a esta parcela da humanidade, quer seja pelos papéis esperados como condizentes quer pela disputa de aparências, espaços, intenções (desejos) e poder.

Na realidade histórica, os movimentos sociais sempre existiram e cremos que sempre existirão. Isto porque eles representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas não como força tarefa, de ordem numérica, mas como campo de atividades e de experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais⁶

Tal "inovação" culminou exitosa frente à instituição resultando na reflexão e mobilização, na discussão das temáticas que compunham o cenário pelas autoridades docentes e pela publicação da Portaria Institucional interna, que revogou as proibições anteriormente praticadas e a permissão, bem como o livre arbítrio quanto ao uso vestimentas dentro da Escola de Saúde.

RESULTADOS

Ao ser pensada a atividade, foi imaginado que as ações seriam restritas ao ambiente institucional, o que já seria um grande impacto, uma vez que estavam sendo propositalmente ignoradas as regras relativas à vestimenta feminina e à expectativa social de não utilização de saias por homens. No entanto, a manifestação ativista ultrapassou as barreiras da academia e uma parte da turma, em horário de intervalo, reuniu-se em um *shopping center*, o que possibilitou a observação de diversas reações e olhares alheios. Por conta de características singulares e limites pessoais, alguns meninos que trajavam saias dentro de sala de aula optaram por não manter a vestimenta em local externo à universidade. É plenamente compreensível esta atitude, uma vez que a reação da sociedade a tudo o que foge de uma heteronormatividade estabelecida, em muitos casos, pode ser ofensiva e incômoda. Apesar disto, a maioria dos rapazes mantiveram

a saia e enfrentaram comportamentos como: olhares de estranhamento com tentativas de disfarces, distanciamento corporal, risos camuflados e risos expostos.

Estas reações discriminatórias impulsionaram comportamentos de defesa nas mulheres do grupo. No ambiente do *shopping center*, foi importante observar os comportamentos já mencionados de objeção das pessoas, o que ainda representam as características negativas da sociedade atual, pautada em um falso moralismo e em uma visão distorcida de “normalidade”. Mas, também vale frisar atitudes positivas que fazem crer que manifestações ativistas são úteis e que podem disseminar reconstruções e desconstruções de valores. Dentre estes destaques exitosos, segue a reação de uma senhora de meia-idade que olhou para os homens de saia e disse de forma entusiasmada “Que lindo!”. Ainda que todos os homens que estavam de saia no *shopping center* fossem homossexuais, é também louvável notar o enfrentamento dos preconceitos deles mesmos, pois conteúdos deste tipo não existem somente naqueles que estão alheios a esta condição, mas há inclusive nos que estão inseridos na situação, uma vez que a construção social da heteronormatividade abarca a todos. É por isso que o passeio no *shopping center* representou o ir além destes conteúdos de medo, não

aceitação de si mesmo e o próprio preconceito. Uma das alegações dos homens durante o caminho até chegar ao *shopping* era o medo de sofrer violência, mas que este sentimento amenizava em função de estar em grupo. De fato, o receio do enfrentamento da sociedade compõe-se também do elemento “medo de vivenciar o que semelhantes já sofreram”.

Como recomendação, é importante esclarecer que a vivência de um ativismo precisa ser muito bem pensada a partir dos seguintes aspectos: objetivo da atividade, comportamento a ser manifesto como resistência, refletir se há possibilidade de a forma escolhida atingir o(s) objetivo(s) e, por fim, analisar se a atividade pensada realmente não colocará em riscos a integridade das pessoas envolvidas. Este último ponto mencionado deve ser articulado com o conceito que o ativismo propõe, o qual é produzir reflexões e mudanças em uma causa específica de forma que a movimentação causada não alcance o patamar da agressão; o que difere da militância, que pode atingir a agressão de valores ou de conceitos alheios e até mesmo a agressão física (mas levando em consideração a necessidade desta exacerbação).

O principal resultado de todo este evento foi a portaria publicada e assinada pelo reitor da Universidade, apenas alguns dias depois, que redireciona as determinações de vestimenta no

ambiente do prédio acadêmico, onde não há mais proibições antes estabelecidas, pautando-se unicamente nos critérios de bom senso e civilidade da comunidade universitária.

DISCUSSÃO

Gohn⁶ em seu trabalho sobre movimentos sociais, cita que uma das premissas básicas a respeito dos movimentos sociais é que os mesmos são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes, não sendo um processo isolado, mas de caráter político-social. Estas características puderam ser notadas na atividade ora relatada, já que os movimentos sociais feministas e LGBT coadunaram em uma causa comum, a qual foi a liberdade de utilização de saia como vestimenta. Desta forma, a movimentação gerada causou impacto na linearidade e normalidade daquele dia (que seria comum) na universidade.

Os homens, ao caminharem de saia nas dependências da universidade, propiciaram impacto e suscitaram discussões entre opiniões divergentes, o que representa uma mudança benéfica, pois toda e qualquer movimentação e reflexão de conceitos e opiniões é positiva no sentido da reconstrução. Ainda segundo a mesma autora, a ótica dos direitos possibilita-nos a construção de uma agenda de investigação que gera sinergia, não compaixão, que resulta em políticas emancipadoras, não

compensatórias. De fato, a reação de defesa ao colega mencionada no tópico anterior não foi motivada por um sentimento de piedade ou de benevolência, mas advinda de uma lógica de luta por direitos, de garantia de dignidade e da vontade de exigir respeito à figura de meu colega, o qual poderia nem ser uma pessoa conhecida, mas a situação geraria a mesma inquietação.

Ao observar que em uma mesma atividade e com a mesma atitude, estavam sendo reivindicados direitos de grupos que podem ser classificados em movimentos sociais diferentes, poderia se compreender que cada um lutava pela sua especificidade de carências de direitos, no entanto, percebe-se que independente do grupo, todos os dois atuavam em prol da garantia de liberdade de vestimenta em detrimento de um pensamento machista, já que o machismo não age somente com misoginia, mas também com LGBTfobia.

Facchini⁷ ao comentar sobre a expressão “sopa de letrinhas”, crítica feita à junção das letras que formam a sigla LGBT (dentre outras), cita que as especificidades unidas são permeadas por relações de aliança que possibilitam organizações ativistas. O movimento articulatório do grupo voltado à extensão da atividade para o ambiente externo à universidade trouxe a abrangência do impacto social e a percepção do que Spink e Medrado⁸

vêm a denominar de práticas discursivas, as quais são maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. Estas são permeadas por relações de poder e se materializam em falas e textos mediante uma dinâmica (enunciados e vozes sociais), certas formas (gêneros de fala) e conteúdos (repertórios interpretativos), isto é, todas as reações e atitudes observadas no *shopping center*, as quais são a tradução em gestos, olhares e falas de um conteúdo heteronormativo, misógino, machista, homofóbico e discriminatório arrastado por séculos e transmitido de forma intergeracional.

O peso dos valores incrustados na lógica de pensar, sentir e ser da sociedade reflete um padrão considerado correto e limpo, sendo pecaminoso aquele que articula novas ideias e se permite desconstruir e principalmente questionar o que está posto. O que mais incomoda é, de fato, o posicionamento indagador. No caso da atividade em questão, foi perguntado: “Por que nós (mulheres e homens) não podemos usar saia?”. Sobre isto, Pereira e Melo⁹ destacam a visão religiosa aplicada ao relacionamento homossexual, a partir da qual as práticas que questionam e transgridem esta lei santa e que insultam “a verdade do sexo” são vistas pelo discurso religioso como pecaminosas e indignas do estatuto de

humanidade. A própria repercussão nas redes sociais da movimentação ativista organizada pela turma mostrou o quanto ainda existe desinformação e deformação acerca dos conceitos e conhecimentos da realidade social. Em um grupo virtual fechado destinado a estudantes do prédio acadêmico, foram lidos comentários de estudantes de medicina, dentre outros cursos, relatando que havia questões mais importantes a serem feitas e trabalhadas do que ficar brigando por uma vestimenta. Logo, percebe-se nestes comentários a limitação da visão humanitária e social que estudantes de nível superior ainda possuem; não há um exercício de reflexão que os possibilite enxergar o simbolismo e o significado encontrado por trás de um “simples direito de usar saia”. Infelizmente, estes serão futuros “doutores” que poderemos encontrar, inclusive, atuando em equipamentos de saúde pública, mas sem conhecer o mínimo de políticas públicas. Vale ressaltar que todas estas críticas se referiam somente ao ato realizado dentro das dependências da instituição, sem chegar ao conhecimento destes estudantes (ou pelo menos da maioria deles) que a atividade ocorreu extra muros da instituição. Pode-se imaginar que comentários seriam encontrados em perfis de redes sociais nos casos de constatação desta atitude.

A comparação entre reações virtuais e presenciais também é uma informação valiosa, uma vez que se trata de um experimento social. Como comentado, foram lidas palavras hostis e desagradáveis nas redes sociais, mas as reações presenciais no *shopping center* eram mais veladas e contidas, os risos eram de canto de boca, para apontar era preciso disfarçar, alguns fingiam naturalidade, outros cutucavam-se entre si imaginando estarem agindo com discrição. Apesar destas ações presenciais mais disfarçadas, o incômodo era sentido não só pelos meninos que trajavam saia, mas também por mim que entrei em total exercício de empatia, me sentindo insultada toda vez que percebia uma reação sarcástica, sendo esta escancarada ou encoberta.

Desta forma, fica clara a dificuldade em simplesmente não ser aquilo que uma determinada normatividade exige. E, considerando o que Souza, Silva e Faro¹⁰ ressaltam, a forma como o outro é percebido define os contornos das relações interpessoais, tendo o preconceito como principal alterador das percepções e agravador dos comportamentos violentos. Importante frisar que as percepções alteradas podem ser veladas e disfarçadas, bem como a violência nem sempre é manifestada da forma física, há diversos outros tipos de agredir. A prova exata

destas informações são os relatos do experimento social em questão.

CONCLUSÃO

Considerando que o intento inicial era causar impacto na comunidade universitária, chamando a atenção para o absurdo de uma violação de direitos, pode-se compreender que a atividade atingiu mais do que seu objetivo, uma vez que ultrapassou os muros acadêmicos. Ao levar a manifestação para um *shopping*, até mesmo o escopo da reivindicação se expandiu. Se, dentro da instituição, reclamava-se pelo direito do uso de uma vestimenta, no *shopping*, o teor estava mais ligado a um ativismo anti-homofobia. Depreende-se então que uma atitude de resistência é moldada não somente pelas causas e pelo público atuante, mas também pelo contexto físico em que esta se insere; fazendo reverberar motivos, justificativas e necessidades. As reações sociais de quem presencia ou é atingido pela atitude de resistência são indicativos do nível de aceitação/inaceitação relativo àquela causa social. Assim, quanto mais aquela atitude é tida como “agressiva”, mais representa que ela ainda é tomada como algo que deve ser rechaçado e que foge à “normatividade” social determinada por um grupo hegemônico.

Além disso, é importante destacar, por óbvio, os olhares sobre os homens, que apesar de

acompanhados e de "mãos-dadas" com as colegas mulheres, por estarem de saias, sentiram-se medidos e violados pelo simples fato de estarem vestidos de maneira diversa do usualmente esperado, visto que na nossa sociedade, não é convencional ao homem o uso desse traje. O movimento, somado a outras manifestações realizadas dentro da xxx, oportunamente, ocorreu para fazer valer o direito ao livre arbítrio quanto ao ir e vir e

quanto ao uso de vestimentas usuais, sendo destaque o próprio texto da Portaria no xxx/xx quanto a necessária restrição do uso de saias, por questão de segurança, apenas dentro dos laboratórios. Sendo este documento talvez, o primeiro retorno prático que o curso venha trazer a sociedade local, cumprindo com suas propostas de criação e modificação da realidade local.

REFERÊNCIAS

- ¹ Santos R C S, Schor N. As primeiras respostas à epidemia de aids no Brasil: influências dos conceitos de gênero, masculinidade e dos movimentos sociais. *Psic. Rev. São Paulo*, volume 24, n.1, 45-59, 2015;
- ² Farias M S Q de, Dimenstein M. Configurações do ativismo anti-aids na contemporaneidade. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 11, n. 1, p. 165-174, jan./abr., 2006;
- ³ Jesus J G de. Psicologia social e movimentos sociais: uma revisão contextualizada. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 163-186, 2012;
- ⁴ Thomé C. Pais marcam protesto contra uso de saia por alunos de colégio no Rio. *O Estado de São Paulo*. 2006. Disponível em < <http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,pais-protestam-contra-uso-de-saia-por-alunos-de-colegio-no-rio,10000078929>>. Acesso em 05/05/2017.
- ⁵ Avritzer L. *Sociedade Civil e democratização*. Belo Horizonte: Del Rey, 1994 (p.189-190).
- ⁶ Gohn M da G. *Movimentos sociais na contemporaneidade*. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, maio-ago., 2011;
- ⁷ Facchini R. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- ⁸ Sampaio J V, Germano I M P. Políticas públicas e crítica queer algumas questões sobre identidade LGBT. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 290-300, 2014;
- ⁹ Pereira J W; MELO, Lucilene F. A trajetória de reivindicação do movimento social LGBT por direitos e políticas públicas no Brasil e no Amazonas. *IV Congresso Internacional de Estudos sobre a diversidade sexual e de gênero da ABEH*, 2012
- ¹⁰ Souza J M de, Silva J P da, Faro A *Bullying e Homofobia: Aproximações Teóricas e Empíricas*. *Psicol. Esc. Educ.*, vol.19, no.2, Maringá, May/Aug., 2015.